

Crónica da Conquista do Algarve

pelo PROF. FERNANDO VENANCIO PEIXOTO DA FONSECA

(Continuação do vol. XXXVIII, p. 240)

ADVERTÊNCIA AO TEXTO RESTITUÍDO

Sempre que possível indicamos entre [] a lição de pelo menos um dos códices, normalmente o C7R, e entre (___) a das *Memórias*, ou () destas e de C5R, mas não acrescentámos ao texto os passos que só constam dos códices, e se puderam apreciar no quase meio milhar de discrepâncias acima apontadas. É claro que para o nosso estudo ulterior só nos interessa normalmente a forma mais antiga. Vão sublinhados (no todo ou em parte) os vocábulos que só aparecem nas *Memórias*, que não sejam formas diferentes de outros mais antigos, nem termos acrescentados, mas sim postos em vez de outros pelo redactor do perdido apógrafo tavirense do séc. XVII, geralmente quando não sabia ler ou desconhecia o termo ou termos dos dois códices que utilizou.

b) *Texto restituído*

(Coronjqua de) como o Mestre Dom Payo Corea (Mestre de Santiago de Castela) tomou este reino do Algarve aos Mourros.

[*Script. 416 A*] (*Reynando em Portugal*) elRey Afonso (o *treseiro deste nome*) que era casado com Dona B[r]jat[r]iz (*filha de elRey de Castela*) ouve dela estes filhos (*convem a saber*) ho I(n)ffamte D. Denjs que na(s)ção em Lixboa dia de Sam Denjs a(os) vinte de Oytubro era de mil e duzentos e

noventa¹ e noue anos, e o J(m)ffamte D. Afonso que foy muy boom² J(m)ffamte, e a J(m)ffamte D. Sancha que moreo em Sevilha e de(s)pojs a trouxerom a Alcobaça e outra filha que ouue nome Dona Branca que foy senhora do mo[j]s-teiro do Loruão e *nele* moreo segundo a Coronjqua despanha³ faz memção e este Rey D. Afonso tomou aos Mourros Farrom e outros lugares e o Mestre D. Payo Corea era seu compadre e seu natural e ganhou⁴ Tavila e a mayor parte do Algarue e não diz como nem per que gujsa *mas* queremos vos⁵ dizer aquy breuememte como estes lugares foram tomados segundo o achamos escrito⁶. quando elRey de Castela tomou Sevyilha aos Mourros, segundo *ho achamos escrito* na[s] Coronjqua[s] despanha era (aly com ele em aquele çerquo este Mestre D. Payo Corea trazendo comsyguo mujtos e booms cavaleyros da Ordem de Samtiago de Castela de que ele era Mestre e de(s)pojs da tomada de Sevilha viueo pouquo tempo elRey D. Fernando e reynou de(s)po(i)s (elRey) D. Afonso seu filho padre desta Dona B[r]jat(r)iz molher d(e) elRey Dom Afonso de Portugal reynando ajnda seu jrmão D. Sancho Capelo tres anos ante(s) que (ele) fose dado por regedor de Portugal aejuntou o Mestre D. Payo Corea sua[s] gente[s] e emtrou pela terra de Luzitanja que e(ra) conquista de Portugal onde auya muytos lugares em puder de Mourros e ganhou deles Mertola e a tore que esta[ua] da parte de *foras⁷ da quela* [sic] vila e o dicto Rey D. Sancho fez merçe por as almas de seu padre e madre e por serujço que lhe (o dito mestre) fizera. Ganhou⁸ majs este Mestre aos Mourros *auzultrel(l)*⁹ que he no Campo de Ourjque e estando neste lugar ouue conselho com (os) seus cavaleyros *de* que maneyra podia(õ) jr ao Reyno do Algarue mas todos *em* hum acordo por reçarem a *grande*¹⁰ pasajem da sera (*lho estrovavaõ*) e o Mestre tendo (em) vontade de jr la todauja veyo a falar com hum mercador que andaua vendendo suas mercadarjas amtre os Mouros e os Christãos (*a qu*)e chamauom Garcia Rodrigues e descobriolhe¹¹ (*a ele*) a vontade *que tinha* de conqjstar aquela terra (*que era*) por seruiço de Deos *e* que o leixaua de fazer porque não sabya todo ho Reyno do Algarue e os Reys que avya e como erom em grande desvayro (hūs com outros) que hera hum dos azos per que majs azinha o podia ganhar se [al]laa fose

e deusoulhe o lugar per *onde* mjlor passaria e leuarja suas gentes majs a seu saluo entom cavalga [416 B] rom os Almogaueres do Mestre, e partirrom *dalzultrell*¹² e pasaron a sera pela torre¹³ dourjque e andarom muj mamsamente para os Mourros não averem çemtido deles e ao primeiro lugar que chegarom foy a Tore destombar e (a)proue a Deos que a tomarom muy[to] a seu saluo e tanto que foi *tomada* emuyarom loguo recado ao Mestre e ele com grão (a)prazer cavalgou logo apresa com seus cavaleyros Freyres e leou suas gujas e pasou a sera chegou ha Tore que os seus já tinham¹⁴ tomado e daly ganhou hum lugar a que chamom Aluor que he antrre Sylues e Laguos e destes (*dous*) lugares fazia(m) grande guera aos Mourros de Sylues e doutrros lugares ao redor.

[Cap. V] **Como os Mourros derom ao Mestre Caçela por leixar a Torre destombar¹⁵ e Aluor.**

Vemdose os Mourros muy(*to*) anojados e perseguidos do Mestre ouuerom conselho hums com [os] outros que lhe desem por *partido ao Mestre* algum lugar majs fora do Regno (*por aqueles que tinha*) *donde* lhes(s) não fizese tamto dapno¹⁶ e nojo como lhe(s) fazia jumto da çidade de Sylues daqueles do(u)s que ia tinha ganahado[s] porque a terra era *majs* pouo[r]ada comtra ho cabo e acordarom de lhe darem (*por partido a*) Caçela por aqueles lugares ambos e esto *fizerom*¹⁷ porque Tavylla era lugar (*majs fora do Reyno por aqueles que tinha donde lhes não fizese tanto nojo*) e daly o dejtarmõ ma[j]s asynha fora da terra e fizerromno saber ao Mestre e a ele (*lhe*) aproue mujto porque o lugar era forte e boom e leyxoulhe(s) entam Estombar e Aluor por Caçela e daly cavalgou ho Mestre com suas gentes e *foy* cercar (a) Paderna porem ho mercador Garçia Rodriguez dise ao Mestre que os Mouros erom *com gran(de)* desvayro e que esto era pera ele majs asynha ganhar a terra (e) não seguayo de(s)pois asy que loguo os Mourros forom em hum acordo e todos se trabalharom¹⁸ defender sua terra e quando os Mourros de Farom e de Taujlla e dos termos *em* redor souberom *que* o Mestre era *sahido* de Caçela a correr pelo Algarue mandarom *dizer* aos Mourros de Loulee que no dia seguymte fosem com eles pera todos terem ho camjnho ao

Mestre e pelejarem com ele e a [*sic*] outro dia ajuntaromse todos com este acordo e foram dormjr a hum lugar *onde* chamom o Desbarato comttra a sera e o Mestre *deitou*¹⁹ parte e pasou de noyte [(417 A)] por Loule que o não sentio ninguem e jndo pelo camjnho direjto que vem pera Tavila as suas escu[j]tas que vinhom²⁰ diante sentirom os Mourros que ahi jaziom e (*ali*) se deteue e não qujs andar e jouuerom aly (toda) aquela noyte.

[*Cap. VI*] **Como o Mestre pelejou com os Mourros e os desbaratou (e venceo).**

De(s)pojs que a noyte foy gastada, (e) o ar da menham vejo e foy o dia craro não tardou mujto o Mestre que (loguo) ordenou suas gemtes em batalha com sua bandejra (es)temdida e moverom todos daly *a onde* estauom e nom lhes comveyo buscar muj lonje os Mourros que erom (*al*)i (a)çerqua (*deles*) em hum vale escusso²¹ e virom vyr os Christãos (*e*) fizeromse prestes *parecendo* os muy pouquo(s) pelas gemtes que erom (*pouquas*), e o Mestre foy loguo dar em eles aly (*a*) onde estauom e começouse amtre eles hũa²² forte *peleja* (*e*) cadahum se defendia muy beem que nemhum tornaua atrras e durando asj a batalha per hum grande espaço os Mourros nom puderom sofrer os Christãos e comesarom a fugir morerom muytos deles em esta *peleja* e os que escaparam fugirom pera hum lugar que dizem Furadoyro que(m) vem donde esta batalha (*lhes*) foy feyta a que chamom a Fomte do Bispo e se alguns Christãos morerom nela nom (o) achamos escrito²³ mas *devemos considerar* que alguns fariom²⁴ (*al*)i fin(s) d(os) seus dias e o Mestre nem os seus não os segujrom *majs nem foram*²⁵ em o alcançe dos Mouros por *serem* muy cansados *da (batalha e) trabalho que nela* leuaron.

[*Cap. VII*] **Como os Mourros derom de supito nos Christãos jndo seu camjnho e se acolheo o Mestre e os seus a hum momte.**

Grande nojo tomarom os Mourros por este desbarato que asy ouuerom espiçialmente os de Tavylla e (*por isso*) loguo aquela noyte ouuerom seu (acordo e) conselho dizendo emtre sy estes Christãos muy pouquos porque cada vez somos vençidos jrão (*ag*)ora segurros poys sayamoslhe (*agora*) ao

camjnho ca²⁶ eles não cujdarão que em nos *avera* tanto esforço pela desaventura que ouuemos e todos sem nenhum temor demos em eles e asy os desbarataremos e [a]o dia segujnte nom sabendo ho Mestre desto *parte* partyose domde esta batalha fora feyta e tornou-se pera Caçela que era sua e vindo camjnho (direjto por) [d]onde chamom o Almargem açerqua donde os Mourros estauom (*e*) era já perto da noyte e o Mestre não leuaua com siguo toda (*a*) sua gemte porque a leyxava²⁷ no momte (*d*)onde (*era e*) hora he Crasto Marjm pera *que* (*ali*) [re]colheçem alguns que pasaçem pela ribeyra e chegando *ao* lugar (*a*)onde (os Mourros) já estauom aguardando sayrom os Mourros a eles tão de supito que o som deles era espantoso e trespasou as orelhas de quantos aly vinhom *em* tal *maneira que* (*a*)o Mestre e *seus* pouquos que com ele erom por força os fizeram recolher *ao* momte alto que esta çerqua de Taujla [a] que ora chamom (*a*) Cabeça do Mestre e daly se defenderom os Christãos muy rigamente e pou [417 B] quos deles vençiom muytos (dos Mourros) porque ho lugar era forte pera se defenderem mas *com* tudo não leyxavom os Mourros de de o[s] combater *rigorosamente*²⁸ por ganhar(em) o momte e se a noyte tão asynha não viera que os partyo por força (*e*) leixarom os Mourros de os afinquar e lançandose ao pee do momte e ouuerom acordo de se tornarem porque loguo [se] reçarom [d]e gemte que ao Mestre *a* outro dia *veyo* em ajuda e partirom-se muy alta manham pera *donde*²⁹ vyerom (sem) *saberem* os Christãos (parte disto *e*) o Mestre mamdou aquela nojte a Caçela (per gente) a presa e vierom muj asynha pera ho outro dia pelejar(*em*) e eles (então) soube(rom) como os Mouros ja erom partidos e (*daly*) se foy (o Mestre com sua gente) pera Caçela e a[1]y esteue.

[Cap. VIII] Como ho Comendador e çimquo cavaleiros foram com ele caçar (as Anttas) alem de Tavila (hũa legua) e sayrom os Mourros a eles e os matarrom.

Pasa(n)do jsto os Mourros de Tavyla e d(os) outros lugares (*ao*) deredor³⁰ ouuerom seu acordo e disserom emtre sy nos somos ja [a]çerqua do mes de Julho em que auemos [d]apanhar nossos pães e majs vemse chegando o tempo do Alaçel e pojs (que) asy somos mal tratados do Mestre façamos com

ele tregoa(s) ate Sam Mjguel de Setembro que vem e apanharem em tam[to] nossas novydades e de(s)pois gerearemos com ele(s) ata que ho(s) deytamos [em] fora da terra (e) emtão o fizerom saber ao Mestre e a ele pouue de lhe(s) dar tregua(s) por aquele tempo por emtamto ajuntar majsgemte(s) e averem folgança de seu trabalho e durando a(s) tregua(s) por este tempo sendo os Mourros e os Christãos (seguros) dise o Comendador (Mor) e outros cavaleyros vamos caçar com *grossas* aves as Amtas termo de Tavila (que) era(m) daly a tres legoas e tomaremos (*ali*) algum prazer e (*desemfadamento pois a terra está segura*) o Mestre quando esto (ou)vyo reçeandose do que podia ser dise ao Comendador Mor e aos outros nom me parece (que he) bem que vades laa porque os Mourros são muy[to] çiosos asy da(s) terra(s) como das molheres e se vos la v(ir)em poder vos ha aquecer algum dano porque na sanha são gente[s] sem freyo. *tornou dizer* o Comendador Mor nos estamos com eles em tregua(s) e nom avemos porque aver medo *porem* por majsguramça nos jremos de paz e de guera. se algũa³¹ cousa (nos) acontecer emtom³² se partio o Comendador com outros çinquo cavaleyros e vyerom direytos pelo camjnho de Taujra e passaram pela ponte e forom *pela* praça da vila e chegarom as Amtas hũa³³ legua *de Tavyla* açerqua da ribeyra e (*d*)aly começaram [de] andar a caça tomando prazer e cujdando bem pouquo que (*a*) sua morte era tão (*a*)çerqua *porque* quando os Mourros que estauom folgando a porta da vila os virom pasar daquela gujsa maravilharom-se muyto e *murmur*arom hums com[trra os] outros (*dizendo que*) nenhum homem *nascido* [não] pod[r]ja sofrer as cousas (*e soberbas*) que estes Christãos fazem que (*são*) tão gramdes (*e em tão pouca conta nos tem*) que asy passarom por aquj e forom pela praça como se a vila fora ja sua e logua fizerom sua fala que se fosem a eles e os matasem *a onde* quer que os achasem (e) entom se [a]juntarom todos feruendo com (*gran*) sanha com soberuosas palavras e camjnharom todos pera jr honde eles andauom e os cavaleyros que andauom caçando asy vyrom tantos Mourros *porem* ajnda que (os) vyrom (*não*) sospeytarrom (logo) o que era e ajuntaromse todos e disserom por çerto aqueles Mourros sobre nos vem seja [418 A] mos (todos) (*a*)perçebidos (e) pojs não ha

outro conselheiro se não sperar (este medo) defendamonos bem e vençellos hemos³⁴ com ajuda de Deos até fazer fim d(as) nosa(s) vida(s) em Seu serujço e mamdemos hum homem a presa ao Mestre que nos socora e pele(ar)emos emtam[to] com eles emtom fizerrom hum palanque o mjllhor que puderom de paos de figueyras velhas que acharrom (por) a(l)y em esto os Mourros vyerom e como foram perto deles comesarom de os combater muy rigamente e posto que os Mourros os muyto afi(n)casem eles se defendiom com (muy) grande esforço e pelejando asy desta maneira aconteceo que ho mercador que ante disemos que dera (o) conselheiro ao Mestre pera tomar a terra destombar (a) que chamauom Garçia Rodriguez que hya de Faroom pera Tavila com sua recousa de bestas como avya de costume e quamdo vyo a volta dos Mourros foy [a]l(a)a pera ver o que era e como os vyo pelejar com os Christãos toruou(se)³⁵ rigamente e dise a seus homens toma[d]e esa recoua (e cargas) e jde vos com ela que se eu vyver não me mjnguoa *algũa cousa* e se morer aquy (sera em) seruiço de Deos (e) tudo esto (que levais) parti[de] emtre vos (outros) (e) emtom se foy meter no palanque com aqueles cavaleyros e ajudaua os muy bem e aly se defenderom per gran(de) espaço dando e recebendo muytas ferjdas e asy erom afi(n)cados dos Mourros que hum não podia dar fee do que [o] outro fazia que cadahum tinha asaz que fazer em defender o lugar em fim foy ho palanque roto e emtrado per força e os Christãos postos em mayor presa e desfaleçemdo lhe(s) a vertude (e) não podendo majs fazer acabarrom aly [todos] sete sua post(r)imeyra ventura *porem* não ouverrom os Mourros o mjllhor sem lhes custar[em] muy caro porque asaz de matamça fizerrom em eles antes que lhe(s) faleçe a força.

[Cap. IX] (De) como o Mestre (acudio aqueles cavaleyros e) pelejou e tomou Tavila e os debaratou

Em quamto os Christãos pelejarom chegou recado ao Mestre a Caçela onde estaua e cavalgou (logo) com suas gentes o majs *apressadamente* (que pode) por lhe(s) acorer *porque* bem sabya que outra mjnguoa não avya de pasar por eles senão vemçer ou morer e trouxe o camjnho que eles trouuerom³⁶ e emtrrou pela porta da ujla e pasou pela praça

sem nenhũa³⁷ *contradição* e tam *cioso* ja por lhes *socorer* que não ouue sentido de tomar a vila que bem pudera tomar se qujsese e quando chegou as Antas e vyo os cavaleyros mortos começou com hos Mourros muy dura peleja e moreo tanta gente deles que ajnda oje (em dia) jaz [al]y a oçada deles e des(*de*) que os vemçeo segujo o alcançe fazendo grande estraguo em eles os Mourros que estauom na villa quando ho Mestre por ela pasou foram espantados de sua vinda e não *cujdarom* que o Mestre saby(a) desto (parte) e muy apresa çerarom as portas temendose do que de(s)pojs se segio e quando os virom asy vir fogindo não lhes ousarom (de) abrir as portas e (sayrom) pera os *recolher[em]* demtro e abrijromlhe(s) hũa porta escusa que estaa (es)comtra a Mourarja e os Christãos derom aly com eles (e) não avemdo em sy acordo de se defender entrou o Mestre com eles de volta e cobrou a vila e apoderouse dela e foy estranha a mortindade que o Mestre e os seus fizeram nos Mourros e tambem nos da vila como nos que morerom fora e não con(s)ta se (o) Abemfabela³⁸ (*mourro*) senhor deste lugar foy esta batalha e moreo em ela ou se ficou no lugar e o que se fez dele. foy esta batalha e os Mourros mortos e Taujra ganhada (aos Mourros [418 B] aos) onse³⁹ dias de junho⁴⁰ (por dia de são Barnabe na) era de mil e duzentos e *quarenta e dois*⁴¹ anos e tomada a vila (a) leixou ho Mestre segura e tornou com muyta gente as Amtas *honde* jaziom os cavaleyros mortos e com (grandes) gemjdos e dor os tirarão damtre os Mourros *que* jaziom os corpos deles lançados no sangue com (as) espadas *nuas* (e) trouueromnos a vila e fizeram na mesqjta mor jgreja de Santa Marja e mandou ho Mestre fazer hum mujmemto em que pos sete escudos com as vieyras d(o Senhor) Samtiaguio e aly foram soterados todos sejs e o mercador com eles os nomes dos quaes sam os que se seguem D. Pero Paes⁴² Comemddador Mor Mem⁴³ do Vale Damião⁴⁴ Vaz Alvaro Garçia Esteuão Vaz Valeiro de Ossa⁴⁵ e o mercador Garçya Rodriguez cujos corpos foram de(s)pojs tidos em gramde (*reliquia e*) reuerença e deuação como (a) martires que espargirom seu sangue por [a] homra da fee de (Jesu) Christo.

[*Cap. X*] **Como o Mestre se lançou sobre Sylues em quanto seu rey Almofam⁴⁶ era fora e como pelejou com ele e (lhe) tomou o lugar** Per esta gujsa *que aveis ouvido* (a)prouue a Deos de dar a vila de Taujra em poder (aos Christãos) e de(s)pojs que a leixou (o Mestre) segura de todo o que lhe compria foy a Selir e tomou o por força (e) emtam foy çerquar Paderna⁴⁷ (que he hum) castelo forte (e) muy boom de gram[de] comarqua *em* deredor antre Albufeyra e a serra e estando sobre ele mandou gente[s] ao teermo de Sylues que fosem tomar a Tore destombar (que dante(s) fora sua) e forom la e oueromna outra vez e quando Almofão seu Rey deles que estaua em Silues soube *como* aquela(s) companha(s) aly erom sayo a eles do lugar com a majs companha (*que pode*) porque lhe disserom que estaua aly o Mestre com todo seu poder e o Mestre *como soube* que era fora alçouse loguo de sobre Paderna e veyose lamçar sobre Sylues. Almofom jndo pera (a) Tore destombar achou novas que não era (aly o Mestre e (*que*) não (*estaua aly*) majs gemte que aquela que tomara a Tore e a defendyom porem qujs la chegar (*e loguo*) muy apresa se tornou pera a vila e loguo se temeio do que era e o Mestre lamçoulhe hũa çilada (*que*) lhe tnha já tomado as portas e as gentes repartidas por elas e elRey Almofom quando esto vyo queremdo emtrar por força pela porta que chamom da Zoya porque era lugar desembargado emcomtrouse aly com ho Mestre que tinha a guarda dela e elRey Mouro vinha com todolos seus juntos e aly se vyo o Mestre *com* grande trabalho com eles e foi a peleja (*com eles*) em hum campo fora junto com a vila omde ora estaa hũa jgre(i)ja que (*se*) chama Samta Maria dos Marteres e os Moros fizeram muyto por cobrar a porta e se meterom sob(*re*) a Tore da Zoya porque he bem sayda e *marcos*⁴⁸ pera fora ma(j)s esto não lhe(s) prestou nada porque (os) Christãos andauom *em* volta com eles e asy entraram com eles pela porta (da vila) e aly foy a peleja *tão* grande em guysa que majs Christãos morerom aly que em outro lugar que se no Algarue tomase e elRey Mouro andou pela vila em deredor e qujserase acolher pelo postiguo da treição a hum alcaçar em que ele moraua e achou o postiguo embargado foy pera se acolher per outra porta da vila e achoua çerada e emtão *de* desesperação deu d[as] esporas ao cavalo e fogio e pasando

por hum pego afogouse [419 A] aly e o acharom de(s)pojs morto e (ag)ora chamom aquele lugar o pego de Almofom; dos Mourros que ficarom se acolherom ao alcaçar e (o) trabalharom do defender[em] quanto podiom e o Mestre não o[s] qujs combater *que* segurouos que vy[v]esem (a vila) se quyjesem e aproueytasem suas herdades e lhe conheçesem (aquele) senhorjo que conheçyão ao Rey Mourro e asy [o] fez aos outros lugares que tomou e não combatiom hos alcaçares em que se os Mourros *recolhyom* mas segurauaos a que vivesem na(s) terra(s) por serem aquelas (a)provejtadas e de(s)pojs foy aly edificada hũa jgreja cathedral e foy feyta (a) çidade então se tornou o Mestre a Paderna que ante(s) tivera çerquada e tomou a vila e o castelo por força e não (se) preytejarão com eles matando os Mourros por dous cavaleyros Freyres que (a)hy matarom esta vila de Paderna se mudou (n)aquele lugar que (ag)ora chamom Albufeyra por(em) ajnda a outra está murada e *corrigida*⁴⁹ com seu castelo e hũa cisterna muy boa dentro.

[*Cap. XI*] **Como a Rainha Dona Brjatriz foy com seu padre a Toledo e como ele lhe outorgou (tudo) o que lhe requereo (per mandado de seu marido) elRey (D. Afomso) de Portugall.**

Quando o Mestre D. Payo Coreia (*ouve*) ganhadas estas vilas e lugares no Algarue que eram (da comqujsta (de) [*sic*] delRey de Castela cujdou elRey D. Afomso que era bem de mandar pedir aquela terra a seo sogro que lha dese por conqujsta e emtam emujou [a]lla a Rajnha sua molher e ela foy a Toledo (a) onde seu padre estaua (e) diselhe como seu marjdo lhe emujaua pedir por merçee que lhe dese a conqujsta da terra do Algarue e aqueles lugares que tomados erom pera seus netos porque el(Rey) tinha a terra muy pequena e elRey (seu padre) *folgou* (muyto) desto e deulhe (então) carta de doação e outras cartas pera o Mestre Dom Payo Coreja e pera alguns (outros) cavaleyros que com ele andauom e *então* que elRey D. Afonso reçebeo (est)as cartas de seu sogro que lhe a Rainha sua molher trouxe⁵⁰ mandou loguo aparelhar suas gemtes e foyse (logo) a grão presa ao Algarue e foy por Beja e *day* a Almodouuar do Campo dou-rjque e pasou a tera pelas Cortiçadas e (en)camjnho(u) direyto a Farom de senhorjo de Mjra[mo]molim⁵¹ Rey de

Maroquos e tinha a vila por ele hum alcaide que *auja nome*⁵² *Aloandre*⁵³ e estaua (*ahi*) hum almoxarife delRey que *auja nome Alcabrarão*⁵⁴ (*e*) estes *auyom gramde acorrimento* de gente(s) e *mamtimentos* porque (*de*) demtiro *do* alcaçar estaua hũa fusta per hum arco grande que era (*feito*) no muro (*e*) tiravom aquela fusta cada vez que *querryom* e *mamdauom[na]* com recado a seu Rey [Al]mja[mo]molim⁵⁵ e *traziom* em ela gentes e toda[la]s cousas que *aujom mjester* (*e*) porque o lugar era bem fortalecido *darmas* e de todo o que *lhe compria* estauom os Mourros muy *esforsados* em *maneira*⁵⁶ que *prezauom* muy pouquo os Christãos. quando ho Mestre Dom Payo Corea que era vasalo delRey D. Afonso soube que ya la foy o aguardar *amtre Loule e Almodouuar* (*e*) na vila de Sylir e *aly se vyo elRey* com ele e as *gemtes* todas juntas foram *çerquar Farom* e *poserom* o arayal sobre ele e *repartirom* seus combates *desta maneira* ho combate delRey (D. Afonso) foy no castelo (*e*) hum lanço da vila *ata hũa porta* que [agu]ora *chamam(os) das Freyras* e o combate do Mestre deste [419 B] *lançou ata* (*a*) porta da vila e *mandou elRey* hum Riquo homem que *avya nome (dom) Pero Esqre-nho*⁵⁷ em outro lamço do muro *ata hũa tore* que *de(s)pojs* *chamarom* de João *daboym* e este João *daboym* tinha outro lanço *da tore* que *de(s)pojs* *chamarom d(o)* seu nome *ata* o combate do alcaçar delRey *afora estas capitancias* *erom* (*a*)hy outros com ele(s) (*comvem a*) *saber* D. Fernão Lopiz Prior (do sp[r]ital) e o Mestre *daujs* e o Chançarel (Mor) D. Yoam *daujnam*⁵⁸ e Mem Soares e Yoam Soares e Eguas Lourenço e per esta *gujsa* tinha elRey *combatida* a vila muy fortemente de dia e de *noyte* e muy pouquas vezes *lhe daua(õ)* lugar e *tomoulhe elRey* o mar com a frota e *atrae-sou(lhe)* no canall do ryo *nauyos grosos (muy)* bem armados (*e*) ancorados da parte de fora *e(x)contra* o mar (*porque*) se *algũas galees* de Mouros *vyesem* que *lhes não pudesem* fazer *nojo* e *lhe(s)* *fose embargada* a *parte* do ryo e *asy* *fiquou* o lugar (*todo*) *çerquado (ao)* *derredor* *quamdo* os Mourros *virom* que o porto do mar *asy* era *tomado* (*e*) que elRey *asy* (*os*) *afimcaua* tanto de cada parte *posto* que bem se *defendesem* *emtenderom* que *de(s)pojs* *lhe(s)* não *auja [de]* *prestar nada* e *amdando* *navemça* *falou elRey* hum dia com ho alcaide *Aloandre* e com ho almoxarife *Alcabrarão* que *herom* os

m(ai)ores (*do lugar*) como (ja vos) disemos e foy elRey com eles falando (ata) que se (a)colherom dentro no alcaçar (e) leuando os que qujs que seryom ate dez cavaleyros e o castelo foy livre dos Mouros e busquado todo pelos cavaleyros delRey e nom ficou com ele(s) gemte nemhũa, saluo[s] estes dous Mourros que dicto avemos (e) *isto* não fez elRey saber ao Mestre nem aos outros que tynhom os combates e não sabendo desto parte foy elRey achado menos e ouuera de ser grande mal (e) por elRey não *faltar*⁵⁹ do que tinha prometido foram novas ao Mestre e a[os] outros fidalguos do arayal que cujdaram que os Mouros do castelo tinhom feito algum *dano* a elRey e que o matarom ou (o) prenderom e por esto (a)leuamtarom hum [a]roydo tam grande que por força (e) a mal de seu grado dos Mourros não lhe(s) *prestando* çetas nem pedras os Christãos passaram a caua e a bar[ejr]a e ajunmtarom(se) com o muro (e) a gemte do Mestre caretava lenha a porta da vila pera lhe[s] poerem o fogo e por esta rezão *padeçer(i)om*⁶⁰ muytos (dos) Christãos e quando elRey vyo aquele [a]roydo maravilhouse muyto (*do*) que podia ser e como soube o que era saltou em syrna de hũa torre e mostrou as chaves na mão que ja tinha do castelo e mamdou dizer ao Mestre (e aos outros) que estivessem quedos e se afastassem [a] fora (e) que ja (era) em avemça com hos Mourros e que não tirasemos⁶¹ de fora o Mourro *Alcabrarão* sayo fora do castelo e emtão mandou elRey dehtar pregam pelo arayal que *ninguem* fizesse nojo a Mourro ajnda que andas[em] fora antre eles nem entrassem pelas portas da vila ajnda que abertas as achassem saluo o Mestre e os (outros) capitães que entrassem demtro com aqueles que quyjessem e estivessem sobre as portas do combate que cadahum timha. e a avemça que elRey fez com os Mourros foy por esta gujsa que eles lhe fisessem aquele mesmo foro que em todolas cousas faziom ao seu Rey e que eles ouuessem todalas suas casas, vinhas e herdades pela gujsa e que elRey os defendese e amparaçe[e] asy d(os) Mourros como doutras quaesquer gemtes que lhes nojo *fizessem* e os que qujsessem jr pera algun(s) lugares) de Mourros que se *fossem* livremente com todolas coussas e que os cavaleyros Mourros ficassem por seus vasallos e que andassem com elRey quando lhe comprise e ele (que) lhes fizesse bem o merçe(s) per esta

gujsa ouue elRey a vila de Farrom no mes de janeyro (*da era*) de MCC[L]XXXVIII⁶² anos.

[*Cap. XII*] [420 A] **Como o Mestre Dom Payo Corea ganhou Loule e Aljazur.**

De(s)pojs que elRey tomou a vila de Farom loguo (day) a pouquos dias partio o Mestre com sua companhia e foyse lançar sobre Loulee e não (es)teue (o) çerquo muyto sobre ele que loguo o não *tomasem* e porque [a]o Mestre corria⁶³ algũa[s] gemte[s] nas pelejas e combates das vilas dise(*lhe*) hum dia elRey falando com ele Mes[420 B]tre muyto me pesa pelos cavaleyros que (vos) morerom na comqujsta destes lugares porque erom todos (*mui*) estremados home(n)s. Senhor dise ho Mestre nom tome(i)s nojo per os mortos porque *moreirão no seruiço de Deus e saluação de suas almas. e loguo ho mestre partio de Loule e foyse lançar sobre Aljazur e quando os Mouros souberão que Farão e Loule e outros lugares erão tomados e deramse loguo ao Mestre com a condição que se deu Farão e o Mestre por ho cansasso que avia recebido ele e suas gentes nos outros lugares aprouelhe com esto e de se tomar loguo Aljazur como vos dito avemos e Deos *lhe* deu todos estes vencimentos porque sabya quão de vontade ho Mestre hera no seu santo seruiço.*

Notas ao texto restituído da
Crónica da Conquista do Algarve

¹ 1299 da era de César, ou seja 1261 da de Cristo, ano em que de facto, nasceu o nosso rei D. Dinis. No *C7R* a data está em numeração lusitano-romana, que começou a usar-se na segunda metade do séc. XIV; neste sistema XL (= 40) é substituído por R, pelo que LR quer dizer 90.

² O pormos esta forma não quer dizer que concordemos com a sua leitura no *C7R*, onde, mesmo que assim esteja no códice, deve corresponder foneticamente a *bão*.

³ Neste e em casos idênticos preferimos a leitura numa só palavra, pois *d Espanha* deve ser interpretação de Tarouca, visto nunca aparecer tal escrita, com o *d* separado, em antigos documentos.

⁴ Não tivemos coragem de pôr o *gançou* do *C7R*, visto tratar-se propriamente doutro vocábulo e não de forma mais antiga.

⁵ Certamente má leitura de *nos* por *uos*, se de facto assim estava no apógrafo de Tavira.

⁶ Optámos pela forma do *C5R*, pois *esprito* não é forma fonética, devendo-se a confusão com a erudita *escripto*.

⁷ Julgamos que esta palavra e as seguintes revelam que o redactor do apógrafo (quem sabe se o seu descobridor!) não percebeu o que se lê nos dois códices (cf. discrepância n.º 44), mas não ousamos alterar tanto o texto das *Memórias*.

⁸ V. nota 4.

⁹ Certamente má leitura de *Aljustre*[1], em *C7R*.

¹⁰ O autor do apógrafo decerto percebeu *grandeza*, que resolveu amputar ...

¹¹ *desabrilhe*, em *C7R*, deve tratar-se de má leitura. Cf. discrepância n.º 57.

¹² V. nota 9. Optámos por esta forma, com *l* na 1.ª sílaba, por também o terem as do *C7R* e *C5R*. Cf. discrepância n.º 66.

¹³ *Corte*, no *C7R*, deve ser erro de leitura.

¹⁴ Preferimos a desinência *-om*, mais arcaica e frequente no *C7R*, inclusive neste passo: *auyom* (cf. discrep. 75).

¹⁵ *Estoubar*, no *C7R*, é nítido erro de leitura.

¹⁶ Se bem que estejamos convencidos de tratar-se apenas de arcaísmo gráfico, preferimos esta forma por se ler no *C7R* e ser bastante contraditória.

¹⁷ V. nota 14.

¹⁸ Limitámo-nos a mudar a desinência para a habitual no *C7R*.

¹⁹ Deixámos a leitura das *Memórias*, apesar de convencidos da má interpretação de *desto*, por ignorância da expressão *saber parte*=ter conhecimento.

²⁰ V. nota 14.

²¹ *Escuro*, nas *Memórias*, é manifestamente má leitura (cf. discrepância n.º 127).

²² *huma*, no *C7R*, representa certamente mau desenvolvimento do til, visto a pronúncia *uma* ser posterior ao século XVI (v. Joaquim Nunes).

²³ V. nota 7.

^{24, 25} *c passim* V. nota. 18.

²⁶ A forma *que* substituiu no apógrafo o arcaico *ca*, com certeza por desconhecimento desta.

²⁷ Conservámos o imperfeito, visto evitarmos mudar os tempos em que os verbos se encontram nas *Memórias*.

²⁸ Dentro do critério seguido de mexer o menos possível no vocabulário das *Memórias*, conservámos esta forma, se bem que manifesta má interpretação da arcaica do *C7R*, já desconhecida do redactor do *C5R* (cf. discrep. n.º 170).

²⁹ Como já acima fizemos algumas vezes, não conservámos a palavra *hu*, por não se tratar de forma mais antiga de (*d*)*onde*, mas sim de vocábulo diferente, seu sinónimo arcaico desprezado pelo redactor do apógrafo.

³⁰ Nas *Memórias* lê-se *rededor*, certamente por lapso, já corrigido nos *Scriptores*.

³¹ Também preferimos esta forma, aliás a que se lê no *C5R*, porque *alguma*, no *C7R*, deve-se com certeza a desdobramento erróneo do til. V. também a nota n.º 22.

³² No *C7R* leu-se, talvez erroneamente, *entomçee* (cf. discrep. n.º 200), forma que já no *C5R* não aparece, com o que concordamos, preferindo ligar o *se* ao verbo seguinte, tanto mais que no *C7R* só costuma aparecer «então», *entom*, sempre dissilábico.

³³ e *passim*. V. nota 22.

³⁴ No *C7R* está *os venceremos* (cf. discrep. n.º 215).

³⁵ Pode ser má leitura de *tornou*, que se encontra nos códices.

³⁶ Forma já antiquada para os autores do *C5R* e do apógrafo, mas ainda hoje dialectal.

³⁷ Vide notas 22 e 31.

³⁸ Nas *Memórias de Litteratura Portugueza*, publicadas pela Academia das Ciências de Lisboa, t. I (v. *Crón. da Conquista do Algarve*), bem como nos *Script.* (cf. discrep. n.º 265), que as utilizaram como fonte imediata, este antropónimo lê-se «abem Fabilla», de acordo com a etimologia, mas deturpando o texto do ms. Em Rui de Pina o passo correspondente traz *Abenfalula*; cf. Tarouca, *Crón. dos Sete Primeiros Reis*, I, p. 267, l. 22 n.

³⁹⁻⁴¹ (Cf. discrep. n.º 268). 1280 da era de César, isto é, 1242 da de Cristo. Quanto ao dia, parece ser o mencionado nas *Memórias*; pelo menos nele se festeja S. Barnabé. Esta data é a que se encontra no túmulo dos Sete Cavaleiros (v. *Encicl. P. e Bras.*, s.v. *Tavira*). Haveria má leitura da data nos *Códices*? Pimenta (*H. de Port.*, p. 31) indica 1238. Na *H. de Port. de Barcelos*, II, 223, lê-se que «ao começar o ano de 1239» o castelo de Tavira já se encontrava em poder dos espatários.

⁴² Nomes, este e os seguintes, que entraram na lenda, pelo que não é possível verificação. Contudo, dentro do critério seguido, transcrevemos o que se lê nas *Memórias*, embora *Paes* talvez seja má leitura de *Periz* ou, em abreviatura, *piz*. Houve um Pero Pais, antigo alferes do rei Afonso I até 1169, o qual viveu pelo menos até 1185, ano em «que devia ser já bastante idoso», pelo que era impossível viver no tempo da tomada de Tavira (cf. *H. de Port. de Barcelos*, II, 113). Cf. discrep. n.º 277.

⁴³ Não há a certeza dos nomes destes cavaleiros. Seria talvez *Martinho*, pois o *C7R* é mais antigo, mas nas *Memórias* está *Mem*...

⁴⁴ *Damião* é certamente má leitura de *Durão*, mas este é o que se lê nas *Memórias*, pelo que o preferimos, visto não ser outra forma do mesmo nome.

⁴⁵ Será *Valério* deturpação de *Bolero*? Na incerteza optamos, como habitualmente, pelo que vem nas *Memórias*. *Ossa* é serra do Alentejo; talvez seja leitura errónea de *Coja*, castelo de Fernando Peres de Trava, sobre o Alva, cedido a D. Teresa em 1122, em troca de outros (A. Herc., *H. de Port.* II, p. 116, ed. em 8 vols.), ou então freg. do conc. e comarca de Arganil (v. *Encicl. P. e Brasil.*, s.v.). Em Rui de Pina vem *Beltram de Caya*.

⁴⁶ Preferimos esta forma, que parece ser o singular de *Almofães* ou *Almofões*, lugar da freguesia de Carreira, concelho de Vila Nova Famalicão; cf. para a etimologia J.P.M., *Influência*, I, 263. Nada encontramos acerca das outras duas (cf. discrep. n.º 279). O passo correspondente de Rui de Pina traz *Abenafaam*; cf. *C7R*, I, p. 269, l. 10 n.

⁴⁷ Trata-se de *Paderne* ou *Paderna*, designação antiga, cujo castelo foi reconquistado em 1248 por D. Paio Peres Correia. V. *Encicl. P. e Br.*, s. v. *Paderne*.

⁴⁸ É evidente que se trata de leitura errónea dos códices. Cf. discrep. 305.

⁴⁹ Má leitura dos códices: o autor do apógrafo não soube ler a palavra *torrejada*, ou então estranhou o termo. Cf. discrep. n.º 326.

⁵⁰ Correção purista, para evitar a repetição do termo *mandou*, embora em acepções diferentes. Cf. discrep. 344.

⁵¹ *Mjramomolím*, no *C7R*, é forma sem haplogia, mais próxima do étimo árabe, *amir almuninine* (i.é, o príncipe dos crentes; cf. David Lopes, apêndice II à *Hist. de Port.* de Herculano, t. VIII, p. 308). Cf. discrep. n.º 347.

⁵² Correção estilística para outra maneira de dizer igualmente arcaica. Cf. discrep. n.º 348.

⁵³ Conservámos a lição do *C5R*, repetida nas *Memórias*, que talvez não passe de má leitura da do *C7R*. O nome, em qualquer dos casos, é completamente desconhecido da historiografia científica subsequente. Cf. discrep. n.º 348.

⁵⁴ Tanto a versão das *Memórias* como as dos códices não aparecem nos historiadores devidamente esclarecidas (cf. discrep. n.º 349). Parece estar por *Abembarrão* (f. *C7R*, III, p. 111).

⁵⁵ A lição do *C7R* é aqui ainda mais próxima do étimo (cf. nota 50 e discrep. n.º 347). Note-se a transposição do artigo definido árabe *al* para o princípio da palavra, causada pela analogia com a maioria das palavras de origem árabe, começadas desta maneira. Cf. discrep. n.º 351.

⁵⁶ *Guisa*, no *C7R* (erradamente lido *guerra* no *C5R*, que lhe é posterior), já estava antiquado no tempo do redactor do apógrafo tavnense, que lhe preferia o hodierno *maneira*. Cf. discrep. n.º 354.

⁵⁷ Deixámos o apelido que se lê nas *Memórias*, visto ser diferente dos dos códices e não sabermos qual corresponde à verdade, embora julguemos que o mais antigo está certo. Nem a *H. de P. de Barcelos*, nem a *Gr. Encicl. P. e Bras.*, p. ex., se referem a qualquer deles. Cf. discrep. n.º 361.

⁵⁸ Preferimos a lição do *C7R*, pois, nada constando sobre tal personagem na bibliografia especializada, pareceu-nos que *vinha* e *unhão* não passam de leituras erróneas de *Aujnham* (= Avinhão). Cf. discrep. n.º 363.

⁵⁹ *Falecer* já era arcaico, no sentido do texto, para o autor do apógrafo, que substituiu o vocábulo pelo sinónimo actual. Cf. discrep. n.º 384.

⁶⁰ Má leitura dos códices, se não desconhecimento do termo *perecer* por parte do redactor do apógrafo perdido.

⁶¹ *Tirassemos* se lê nas *Memórias*, bem corrigido para *tirassem os* nos *Scriptores*. Cf. discrep. n.º 394.

⁶² Faro foi conquistada em 1249 (cf. Alfredo Pimenta, *Hist. de Port.*, p. 31, e *H. de P. de Barcelos*, II, 254). O *C7R* traz 1288, correspondente a 1250 da era cristã, portanto só com diferença de um ano. Em *C5R* lê-se 1283, o que mostra que o seu redactor não reparou no *V* que precede *III*, no *C7R*. Por seu turno, no apógrafo copiado nas *Memórias* vem 1238, o que significa não ter o seu autor notado o *L* do *C7R*. Cf. discrep. n.º 410.

⁶³ *Corria* deve ser gralha das *Memórias* ou leitura inadvertida de Fr. Joaquim de Santo Agostinho, pois o redactor do apógrafo, que, como temos visto, teve presentes os dois códices, só podia ter posto *morria*, pedido quer pelo *C7R* (*morjom*), quer pelo *C5R* (*mataraõ*), que esclarecia qualquer dificuldade de leitura do *C7R*, mostrando à evidência que só se tratava de *morrer* e não de *correr*.

c) Lição crítica do texto restituído *

Corónica de como o Mestre Dom Paio Correa, Mestre de Santiago ⁶ *de Castela, tomou este reino do Algarve aos Mouros.*

[*Script.* 416 A] ⁷ Reinando em Portugal el-rei Afonso o treceiro deste ⁸ nome, que era casado com Dona Breatiz, filha de el-rei ⁹ de Castela, houve dela estes filhos, convém a saber, o ¹⁰ infante D. Denis, que nasceu em Lixboa, dia de Sam De ¹¹ nis aos vinte de Oitubro, era de mil duzentos e no ¹² venta e nove anos, e o infante D. Afonso, que foi ¹³ mui bõo infante, e a infante Dona Sancha, que mor ¹⁴ reu em Sevilha e despois e trouxérom a Alcobaça, e outra ¹⁵ filha, que houve nome Dona Branca, que foi senhora do ¹⁶ moisteiro do Lorvão e nele morreu, segundo a corónica ¹⁷ d’Espanha faz menção. E este rei D. Afonso tomou ¹⁸ aos Mouros Fárom e outros lugares, e o mestre D. ¹⁹ Paio Correa era seu compadre e seu natural e ganhou ²⁰ Tavila e a maior parte do Algarve, e não diz como nem ²¹ per que guisa; mas queremos-vos dizer aqui brevemente ²² como estes lugares fõrom tomados segundo o achamos ²³ escrito. Quando el-rei de Castela tomou Sevilha aos ²⁴ Mouros, segundo o achamos escrito nas corónicas

* Engloba o *C7R*, o *C5R* e os *Scriptores*. Os n.ºs indicam as linhas neste último (além das páginas e colunas) para mais fácil confronto com o texto publicado nos *Scriptores* (cópia do das *Memórias*).

d'Es²⁵ panha, era ali com ele, em aquele cerco, este mestre D.²⁶ Paio Correa, trazendo consigo muitos bõos caval²⁷ eiros da ordem de Sant'Iago de Castela, de que ele era²⁸ mestre. E depois da tomada de Sevilha viveu pouco²⁹ tempo el-rei D. Fernando, e reinou depois el-rei³⁰ D. Afonso, seu filho, padre desta Dona Breatiz, molher³¹ de el-rei Dom Afonso de Portugal. Reinando ainda seu³² irmão D. Sancho Capelo, três anos antes que ele³³ fosse dado por regedor de Portugal, ajuntou o mestre³⁴ D. Paio Correa suas gentes, e entrou pela terra de Lusi³⁵ tânia, que era conquista de Portugal, onde havia muitos³⁶ lugares em poder de mouros, e ganhou deles Mértola³⁷ e a torre que estava da parte de fora daquela vila; e o³⁸ dito rei D. Sancho fez mercê por as almas de seu pa³⁹ dre e madre e por serviço que lhe o dito mestre fizera.⁴⁰ Ganhou mais este mestre aos Mouros Auzultrel, que é⁴¹ no Campo de Ourique, e estando neste lugar houve con⁴² selho com os seus cavaleiros de que maneira podiam⁴³ ir ao reino do Algarve, mas todos em um acordo,⁴⁴ por recearem a grande passagem da serra, lho estrova⁴⁵ vam. E o mestre, tendo em vontade de ir lá, todavia veio⁴⁶ a falar com um mercador, que andava vendendo suas⁴⁷ mercadorias entre os Mouros e os Cristãos, a que cha⁴⁸ mávom Garcia Rodrigues, e descobriu-lhe a ele a vontade⁴⁹ que tinha de conquistar aquela terra ,que era por ser⁵⁰ viço de Deus, e que o leixava de fazer porque não sa⁵¹ bia todo o reino do Algarve e os reis que havia, e⁵² como érom em grande desvairo uns com outros, que era⁵³ um dos azos por que mais asinha o podia ganhar, se a⁵⁴ lá fosse, e devisou-lhe o lugar por onde melhor passaria⁵⁵ e levaria suas gentes mais a seu salvo. Entom cavalgá⁷ [416 B] rom os almo-gáveres do mestre, e partírom d'Alzultrel, e⁸ passárom a serra pela torre d'Ourique, e andárom mui⁹ mansamente, para os mouros não haverem sentido deles. E¹⁰ ao primeiro lugar que chegárom foi a torre de'Estôm¹¹ bar, e aprouve a Deus que a tomárom muito a seu salvo; e¹² tanto que foi tomada enviárom logo recado ao mestre,¹³ e ele com grão aprazer cavalgou logo à pressa com¹⁴ seus cavaleiros freires, e levou suas guias, e passou a¹⁵ serra, chegou à torre, que os seus já tínhom tomado, e dali¹⁶ ganhou um lugar a que châmom Alvor, que é entre Sil¹⁷ ves e Lagos; e destes dous

lugares faziam grande guerra ¹⁸ aos mouros de Silves e d'outros lugares ao redor.

¹⁹ *Como os Mouros dérom ao mestre* ²⁰ *Cacela por deixar a torre* ²¹ *d'Estômbar e Alvor.*

²² Vendo-se os mouros muito anojados e perseguidos do ²³ mestre, houvêrom conselho uns com os outros que lhe dessem ²⁴ por partido ao mestre algum lugar mais fora do reino ²⁵ por aqueles que tinha, donde lhes não fizesse tanto dapno ²⁶ e nojo como lhes fazia, junto da cidade de Silves, daquel ²⁷ es dous que já tinha ganhados, porque a terra era mais ²⁸ povorada contra o cabo, e acordárom de lhe darem por ²⁹ partido a Cacela por aqueles lugares ambos; e esto ³⁰ fizêrom porque Tavila era lugar mais fora do reino ³¹ por aqueles que tinha donde lhes não fizesse tanto nojo, ³² e dali o deitáriom mais asinha fora da terra, e fizêrom-no ³³ saber ao mestre, e a ele lhe aprouve muito, porque o ³⁴ lugar era forte e bõo, e deixou-lhes entam Estômbar ³⁵ e Alvor por Cacela, e dali cavalgou o mestre com suas ³⁶ gentes e foi cercar a Paderna. Porém o mercador Garcia ³⁷ Rodrigues disse ao mestre que os Mouros érom com grande ³⁸ desvairo e que esto era pera ele mais asinha ganhar a ³⁹ terra; e não seguiu despois assi, que logo os Mouros fôrom ⁴⁰ em um acordo, e todos se trabalhárom defender sua ⁴¹ terra. E quando os mouros de Fárom e de Tavila e dos ter ⁴² mos em redor soubêrom que o mestre era saído de ⁴³ Cacela a correr pelo Algarve, mandárom dizer aos mo ⁴⁴ uros de Loulé que, no dia seguinte, fossem com eles, pera ⁴⁵ todos terem o caminho ao mestre e pelejarem com ⁴⁶ ele; e a outro dia ajuntárom-se todos com este acordo, e ⁴⁷ fôrom dormir a um lugar, onde chãmom o Desbarato, ⁴⁸ contra a serra; e o mestre deitou parte, e passou de noite ¹ [417 A] por Loulé, que o não sentiu ninguém, e, indo pelo cami ² nho direito, que vem pera Tavila, as suas escutas, que ví ³ nhom diante, sentírom os mouros que aí jazíom, e ali se ⁴ deteve e não quis andar, e jouvêrom ali toda aquela ⁵ noite.

⁶ *Como o mestre pelejou com ⁷ os mouros e os desbaratou ⁸ e venceu.*

⁹ Depois que a noite foi gastada, e o ar da manhã ¹⁰ veio e foi o dia craro, não tardou muito o mestre que ¹¹ logo ordenou suas gentes em batalha, com sua bandeira ¹² estendida, e movêrom todos dali aonde estávom, e nom lhes ¹³ conveio buscar mui longe os mouros que érom ali acerca ¹⁴ deles, em um vale escuso; e vírom vir os cristãos, ¹⁵ e fizérom-se prestes parecendo-os mui poucos pelas gen ¹⁶ tes que érom poucas, e o mestre foi logo dar em eles, ¹⁷ ali onde estávom, e começou-se antre eles ùa forte ¹⁸ peleja, e cada um se defendia mui bem, que nem um ¹⁹ tornava atrás; e durando assi a batalha per um grande ²⁰ espaço, os mouros nom pudérom sofrer os cristãos, e ²¹ começárom a fugir. Morrêrom muitos deles em esta pel ²² eja, e os que escapárom fugírom pera um lugar que ²³ dizem Furadoiro, que vem donde esta batalha lhes foi ²⁴ feita, a que châmom a Fonte do Bispo. E se alguns cris ²⁵ tãos morrêrom nela nom o achamos escrito, mas ²⁶ devemos considerar que alguns farióm ali fins dos seus ²⁷ dias. E o mestre nem os seus não os seguírom, mais nem ²⁸ fôrom em o alcance dos mouros, por serem mui cansados ²⁹ da batalha e trabalho que nela levárom.

³⁰ *Como os mouros dérom de súbito ³¹ nos cristãos indo seu cami ³² nho, e se acolheu o mestre ³³ e os seus a um monte.*

³⁴ Grande nojo tomárom os mouros por este desbarato, ³⁵ que assi houvérom, espicialmente os de Tavila, e por isso lo ³⁶ go aquela noite houvérom seu acordo e conselho, dizendo ³⁷ entre si: «Estes cristãos mui poucos, porque cada vez ³⁸ somos vencidos, irão agora seguros; pois saíamos-lhe ³⁹ agora ao caminho, ca eles não cuidarão que em nós ⁴⁰ haverá tanto esforço, pela desventura que houvemos, e to ⁴¹ dos sem nem um temor dêmos em eles, e assi os desbara ⁴² taremos.» E ao dia seguinte, nom sabendo o mestre desto ⁴³ parte, partiu-se donde esta batalha fora feita, e tornou-se ⁴⁴ pera Cacela, que era sua, e vindo caminho direito por ⁴⁵ donde châmom o Almagem, acerca donde os mouros está ⁴⁶ vom, e era já perto da noite e o mestre não levava con ⁴⁷ sigo toda a sua gente, porque a leixava no monte,

donde ⁴⁸ era e ora é Crasto Marim, pera que ali recolhessem al ⁴⁹ guns que passassem pela ribeira, e, chegando ao lugar ⁵⁰ aonde os mouros já estávom aguardando, saírom os mouros ⁵¹ a eles tão de súbito que o som deles era espantoso e ⁵² trespassou as orelhas de quantos ali vínhom, em tal ma ⁵³ neira que ao mestre e seus poucos, que com ele érom, ⁵⁴ por força os fizérom recolher ao monte alto que está ⁵⁵ cerca de Tavila, a que ora chámom a Cabeça do Mestre; e ⁵⁶ dali se defendêrom os cristãos mui rijamente, e pou ¹ [417 B] cos deles vencióm muitos dos mouros, porque o lugar era ² forte pera se defenderem. Mas contudo não leixávom ³ os mouros de os combater rigorosamente por ganharem ⁴ o monte, e se a noite tão asinha não viera, que os partiu ⁵ por força e leixárom os mouros de os afinçar e lançan ⁶ do-se ao pé do monte e houvérom acordo de se tornarem, ⁷ porque logo se receárom da gente que ao mestre a outro dia ⁸ veio em ajuda, e partírom-se mui alta manhã pera donde ⁹ viérom, sem saberem os cristãos parte disto, e o mes ¹⁰ tre mandou aquela noite a Cacela per gente à pressa, e ¹¹ viérom mui asinha pera o outro dia pelejarem, e eles ¹² então soubérom como os mouros já érom partidos, e dali ¹³ se foi o mestre com sua gente pera Cacela, e ali esteve.

¹⁴ Como o comendador e cinco ¹⁵ cavaleiros fôrom com ele ca ¹⁶ çar às Antas, além de Tavila ¹⁷ ùa légua, e saírom os mou ¹⁸ ros a eles e os matárom.

¹⁹ Passando isto, os mouros de Tavila e dos outros luga ²⁰ res ao derredor houvérom seu acordo e dissérom entre si: «Nós ²¹ somos já acerca do mês de Julho, em que havemos d'apa ²² nhar nossos pães, e mais vem-se chegando o tempo do ²³ alacel, e, pois que assi somos maltratados do mestre, fa ²⁴ çamos com ele tréguas, até Sam Miguel, de Setembro que ²⁵ vem, e apanharemos entanto nossas novidades e depois ²⁶ guerrearemos com eles, atá que os deitemos em fora da ²⁷ terra.» E então o fizérom saber ao mestre, e a ele prouve ²⁸ de lhes dar tréguas por aquele tempo, por entanto ajun ²⁹ tar mais gentes e haverem folgança de seu trabalho; e, ³⁰ durando as tréguas por este tempo, sendo os mouros e ³¹ os cristãos seguros, disse o comendador-mor e outros

³² cavaleiros: «Vamos caçar com grossas aves às Antas, termo ³³ de Tavila — que eram dali a três léguas — e tomaremos ali ³⁴ algum prazer e desenfadamento, pois a terra está segura.» ³⁵ O mestre, quando esto ouviu, receando-se do que podia ²⁶ ser, disse ao comendador-mor e aos outros: «Nom me parece ³⁷ que é bem que vades lá, porque os mouros são muito cio ³⁸ sos, assi das terras como das molheres, e, se vos lá virem, ³⁹ poder-vos-á aquecer algum dano porque na sanha são ⁴⁰ gentes sem freio.» Tornou dizer o comendador-mor: «Nós es ⁴¹ tamos com eles em tréguas, e nom havemos por que haver ⁴² medo; porém, por mais segurança, nos iremos de paz e ⁴³ de guerra, se algũa cousa nos acontecer.» Entom se par ⁴⁴ tiu o comendador com outros cinco cavaleiros, e vié ⁴⁵ rom direitos pelo caminho de Tavira, e passárom pela ⁴⁶ ponte, e fôrom pela praça da vila e chegárom às Antas, ⁴⁷ ùa légua de Tavila, acerca da ribeira, e dali come ⁴⁸ çárom de andar à caça, tomando prazer e cuidando bem ⁴⁹ pouco que a sua morte era tão acerca; porque, quando ⁵⁰ os mouros, que estávom folgando à porta da vila, os vírom ⁵¹ passar daquela guisa, maravilhárom-se muito e murmu ⁵² rárom uns contra os outros, dizendo que «nenhum homem nas ⁵³ cido não podia sofrer as cousas e soberbas que estes cris ⁵⁴ tão fazem, que são tão grandes e em tão pouca conta ⁵⁵ nos têm, que assi passárom por aqui e fôrom pela praça ⁵⁶ como se a vila fora já sua», e logo fizérom sua fala que ⁵⁷ se fossem a eles e os matassem aonde quer que os ⁵⁸ achassem. E entom se ajuntárom todos, fervendo com grã ⁵⁹ sanha, com sobervosas palavras, e caminhárom todos pera ⁶⁰ ir onde eles andávom. E os cavaleiros, que andávom ⁶¹ caçando, assi vírom tantos mouros, porém, ainda que os ví ⁶² rom, não suspeitárom logo o que era e ajuntárom-se todos ⁶³ e dissérom: «Por certo aqueles mouros sobre nós vêm; seja ¹ [418 A] mos todos apercebidos, e, pois aqui não há outro conse ² lho senão esperar este medo, defendamo-nos bem, e ven ³ cê-los-emos, com ajuda de Deus, até fazer fim das nos ⁴ sas vidas, em Seu serviço; e mandemos um homem à ⁵ pressa ao mestre, que nos socorra, e pelejaremos entanto ⁶ com eles.» Entom fizérom um palanque, o melhor que ⁷ pudérom, de paus de figueiras velhas, que achárom por ⁸ ali. Em esto os mouros viérom, e, como

fôrom perto deles, ⁹ começaram de os combater mui rijamente; e, posto que ¹⁰ os mouros os muito afincassem, eles se defendíom com ¹¹ mui grande esforço; e, pelejando assi desta maneira, acon¹² teceu que o mercador, que ante dissemos que dera o con¹³ selho ao mestre pera tomar a terra d'Estômbar, a que ¹⁴ chamávom Garcia Rodrigues, que ia de Fârom pera Ta ¹⁵ vila, com sua récova de bestas, como havia de costume, e, ¹⁶ quando viu a volta dos mouros, foi alá pera ver o que era ¹⁷ e como os viu pelejar com os cristãos, torvou-se ri¹⁸ jamente e disse a seus homens: «Tomade essa récova e car¹⁹ gas e ide-vos com ela, que, se eu viver, não me minguará ²⁰ algũa cousa, e, se morrer aqui, será em serviço de Deus: ²¹ e tudo isto que levais partide entre vós outros». E entom se ²² foi meter no palanque com aqueles cavaleiros, e aju²³ dava-os mui bem; e ali se defendêrom per grande espaço, ²⁴ dando e recebendo muitas feridas; e assi érom afincados ²⁵ dos mouros, que um não podia dar fêe do que o outro fazia, ²⁶ que cada um tinha assaz que fazer em defender o lu²⁷ gar. E enfim foi o palanque roto e entrado per força, e ²⁸ os cristãos postos em maior pressa; e, desfalecendo-²⁹ lhes a vertude e não podendo mais fazer, acabárom ali ³⁰ todos sete sua postrimeira ventura; porém nãoouvêrom os mouros ³¹ o melhor sem lhes custar mui caro, porque assaz de ma³² tança fizêrom em eles, antes que lhes falecesse a força.

³³ *De como o mestre acudiu àquel³⁴ es cavaleiros e pelejou e ³⁵ tomou Tavila e os desbaratou*

³⁶ Enquanto os cristãos pelejárom, chegou recado ao ³⁷ mestre a Cacela, onde estava, e cavalgou logo com suas ³⁸ gentes, o mais apressadamente que pôde, por lhes acor³⁹ rer, porque bem sabia que outra míngua não havia de ⁴⁰ passar por eles, senão vencer ou morrer, e tomou o ca⁴¹ minho que eles trouvérom e entrou pela porta da vila ⁴² e passou pela praça sem nenhũa contradição, e tam ⁴³ cioso ia por lhes socorrer, que não houve sentido de to⁴⁴ mar a vila, que bem pudera tomar, se quisesse, e, quando ⁴⁵ chegou às Antas e viu os cavaleiros mortos, começou ⁴⁵ com os mouros mui dura peleja, e morreu tanta gente ⁴⁷ deles, que ainda hoje em dia jaz ali a ossada deles. E, ⁴⁸ desde que os venceu,

seguiu o alcance, fazendo grande ⁴⁹ estrago em eles. Os mouros que estávom na vila, quando ⁵⁰ o mestre por ela passou, fôrom espantados de sua vinda, ⁵¹ e não cuidárom que o mestre sabia desto parte, e mui à ⁵² pressa cerrárom as portas, temendo-se do que depois se ⁵³ seguiu. E, quando os vírom assi vir fugindo, não lhes ou ⁵⁴ sárom de abrir as portas e saírom pera os recolherem den ⁵⁵ tro e abrírom-lhes ũa porta escusa, que está escontra ⁵⁶ a mouraria. E os cristãos dérom ali ⁵⁸ com eles, e, não ⁵⁷ havendo em si acordo de se defender, entrou o mestre com eles de volta e cobrou a vila e apoderou-se dela; ⁵⁹ e foi estranha a mortindade que o mestre e os seus fizé ⁶⁰ rom nos mouros, e também nos da vila, como nos que ⁶¹ morrêrom fora. E não consta se o Abemfabela, mouro se ⁶² nhor deste lugar, foi em esta batalha e morreu em ela, ⁶³ ou se ficou no lugar e o que se fez dele. Foi esta ba ⁶⁴ talha e os mouros mortos e Tavira ganhada aos mouros ¹ [418 B] aos onze dias de Junho, por dia de São Barnabé, na era ² de mil e duzentos e quarenta e dois anos. E tomada a ³ vila, a leixou o mestre segura e tornou com muita ⁴ gente às Antas, onde jazíom os cavaleiros mortos, e com ⁵ grandes gemidos e dor os tirárom dantre os mouros, que ⁶ jazíom os corpos deles lançados no sangue com as es ⁷ padas nuas, e trouvérom-nos à vila e fizérom na mes ⁸ quita-mor igreja de Santa Maria; e mandou o mestre fa ⁹ zer um muimento em que pôs sete escudos com as ¹⁰ vieiras do Senhor Santiago, e ali fôrom soterrados to ¹¹ dos seis e o mercador com eles, os nomes dos quaes ¹² sam os que se seguem: D. Pero Paes, comendador-mor, ¹³ Mem do Vale, Damião Vaz, Álvaro Garcia, Estêvão Vaz, ¹⁴ Valeiro de Ossa e o mercador Garcia Rodrigues, cujos ¹⁵ corpos fôrom depois tidos em grande reliquia e reverên ¹⁶ cia e devação, como mártires que espargirom seu san ¹⁷ gue por honra da fêe de Jesu Cristo.

¹⁸ *Como o mestre se lançou sobre* ¹⁹ *Silves, enquanto seu rei Al* ²⁰ *mofam era fora, e como pele* ²¹ *jou com ele e lhe tomou o* ²² *lugar.*

²³ Per esta guisa que haveis ouvido, aprouve a Deus de ²⁴ dar a vila de Tavira em poder aos cristãos, e depois ²⁵ que a leixou o mestre segura de todo o que lhe com ²⁶ pria,

foi a Selir e tomou-o por força; e entam foi cercar ²⁷ Paderna, que é um castelo forte e mui bom, de grande ²⁸ comarca em derredor, antre Albufeira e a serra; e, estando ²⁹ sobre ele, mandou gentes ao termo de Silves, que fossem ³⁰ tomar a torre d'Estômbar, que dantes fora sua, e fôrom ³¹ lá e houvêrom-na outra vez; e quando Almofão, seu rei ³² deles, que estava em Silves, soube como aquelas compa³³ nhas ali érom, saiu a eles do lugar, com a mais com ³⁴ panha que pôde, porque lhe dissêrom que estava ali o ³⁵ mestre com todo seu poder; e o mestre, como soube que ³⁶ era fora, alçou-se logo de sobre Paderna e veio-se lan³⁷ çar sobre Silves. Almofom, indo pera a torre d'Estôm³⁸ bar, achou novas que não era ali o mestre e que não ³⁹ estava ali mais gente que aquela que tomara a torre ⁴⁰ e a defendíom; porém quis lá chegar, e logo mui à pressa ⁴¹ se tornou pera a vila, e logo se temeu do que era. E o ⁴² mestre lançou-lhe ãa cilada, que lhe tinha já tomado ⁴³ as portas e as gentes repartidas por elas. E el-rei Al⁴⁴ mofom, quando este viu, querendo entrar por força pel⁴⁵ a porta que chãmom d'Azóia, porque era lugar desem⁴⁶ bargado, encontrou-se ali com o mestre, que tinha a ⁴⁷ guarda dela. E el-rei mouro vinha com todos seus ⁴⁸ juntos, e ali se viu o mestre com grande trabalho com ⁴⁹ eles, e foi a peleja com eles em um campo fora, junto ⁵⁰ com a vila, onde ora está ãa igreja, que se chama ⁵¹ Santa Maria dos Márteres; e os mouros fizêrom muito por ⁵² cobrar a porta e se metêrom sobre a torre d'Azóia, por⁵³ que é bem saída e marcos [*sic*] pera fora, mais esto não ⁵⁴ lhes prestou nada, porque os cristãos andávom em ⁵⁵ volta com eles, e assi entrárom com eles pela porta da ⁵⁶ vila; e ali foi a peleja tão grande, em guisa que mais ⁵⁷ cristãos morrêrom ali que em outro lugar que se no ⁵⁸ Algarve tomasse. E el-rei mouro andou pela vila em ⁵⁹ derredor, e quisera-se acolher pelo postigo da treição a ⁶⁰ um alcáçar, em que ele morava, e achou o postigo ⁶¹ embargado; foi pera se acolher per outra porta da vila e ⁶² achou-a cerrada, e então, de desesperação, deu das esporas ⁶³ ao cavalo e fugiu, e passando por um pego afogou-se ¹ [419 A] ali, e o achárom despois morto, e agora chãmom aquele ² lugar o pego de Almofom. Dos mouros que ficárom se ³ acolhêrom ao alcácer e o trabalhárom do defenderem

⁴ quanto podíom, e o mestre não quis combater, que ⁵ segurou-os que vivessem [n]a vila, se quijessem, e aprovei ⁶ tassem suas herdades e lhe conhecessem aquele senho ⁷ rio que conheciom ao rei mouro. E assi o fez aos outros lu ⁸ gares que tomou, e não combatiom os alcáçares em que ⁹ se os mouros recolhiom, mas segurava-os a que vivessem ¹⁰ nas terras, por serem aquelas aproveitadas; e depois foi ¹¹ ali edificada ãa igreja catedral e foi feita a cidade. ¹² Então se tornou o mestre a Paderna, que antes tivera ¹³ cercada, e tomou a vila e o castelo por força, e não se ¹⁴ preitejaram com eles, matando os mouros por dous caval ¹⁵ eiros freires, que aí matárom. Esta vila de Paderna se ¹⁶ mudou naquele lugar que agora chãmom Albufeira; po ¹⁷ rém ainda a outra está murada e corrigida com seu cas ¹⁸ telo e ãa cisterna mui boa dentro.

¹⁹ *Como a rainha Dona Breatiz* ²⁰ *foi com seu padre a Toledo* ²¹ *e como ele lhe outorgou tudo* ²² *o que lhe requereu per man* ²³ *dado de seu marido, el-rei* ²⁴ *D. Afonso de Portugal.*

⁵ Quando o mestre D. Paio Correa houve ganhadas ²⁶ estas vilas e lugares no Algarve, que eram da conquista ²⁷ de [sic] d'el-rei de Castela, cuidou el-rei D. Afonso que ²⁸ era bem de mandar pedir aquela terra a seu sogro, que ²⁹ lha desse por conquista, e entom enviou alá a rainha sua ³⁰ molher, e ela foi a Toledo, aonde seu padre estava, e ³¹ disse-lhe como seu marido lhe enviava pedir por mercêe que ³² lhe desse a conquista da terra do Algarve e aqueles ³³ lugares que tomados érom pera seus netos, porque el- ³⁴ rei tinha a terra mui pequena. E el-rei seu padre fol ³⁵ gou muito desto e deu-lhe então carta de doação e outras ³⁶ cartas pera o mestre Dom Paio Correa e pera alguns ³⁷ outros cavaleiros, que com ele andávom. E então que el- ³⁸ rei D. Afonso recebeu estas cartas de seu sogro, que ³⁹ lhe a rainha sua molher trouxe, mandou logo apare ⁴⁰ lhar suas gentes e foi-se logo a grão pressa ao Algarve; ⁴¹ e foi por Beja e daí a Almodôvar do Campo d'Ourique, ⁴² e passou a terra pelas Cortiçadas e encaminhou direito ⁴³ a Fárom, de senhorio de miramomolim rei de Marrocos. E ⁴⁴ tinha a vila por ele um alcaide que havia nome Aloan ⁴⁵ dre, e estava aí um almoraxife d'el-rei, que havia ⁴⁶ nome Alcabrarão. E estes havíom

grande acorrimento de ⁴⁷ gentes e mantimentos, porque de dentro do alcáçar ⁴⁸ estava ãa fusta, per um arco grande que era feito ⁴⁹ no muro, e tirávom aquela fusta, cada vez que queríom, ⁵⁰ e mandávom-na com recado a seu almiramomolim e trazíom ⁵¹ em ela gentes e tódolas cousas que havíom mister. E por ⁵² que o lugar era bem fortalecido d'armas e de todo o ⁵³ que lhe compria, estávom os mouros mui esforçados, em ma ⁵⁴ neira que prezávom mui pouco os cristãos. Quando ⁵⁵ o mestre Dom Paio Correa, que era vassalo d'el-rei ⁵⁶ D. Afonso, soube que ia lá, foi-o aguardar antre Loulé ⁵⁷ e Almodôvar e na vila de Silir, e ali se viu el-rei com ⁵⁸ ele; e as gentes todas juntas fôrom cercar Fárom e pusé ⁵⁹ rom o arraial sobre ele e repartírom seus combates ⁶⁰ desta maneira: o combate d'el-rei D. Afonso foi ⁶¹ no castelo e um lança da vila até ãa porta, que ⁶² agora chamamos das Freiras, e o combate do mestre deste ¹ [419 B] lança até a porta da vila. E mandou el-rei um rico-² homem, que havia nome Dom Pero Escrenho, em outro lança ³ do muro, até ãa torre, que depois chamárom de João ⁴ d'Aboim; e este João d'Aboim tinha outro lança da torre, ⁵ que depois chamárom de seu nome, até o combate do ⁶ alcáçar d'el-rei. Afora estas capitánias érom aí outros ⁷ com eles, convém a saber D. Fernão Lópis, prior do ⁸ Esprital, e o mestre d'Avis e o chançarel-mor, D. ⁹ Joam d'Avinham, e Mem Soares e Joam Soares e Egas Lou ¹⁰ renço. E per esta guisa tinha el-rei combatida a vila ¹¹ mui fortemente, de dia e de noite, e mui poucas vezes ¹² lhe davam lugar; e tomou-lhe el-rei o mar com a frota ¹³ e atravessou-lhe no canal do rio navios grossos mui bem ¹⁴ armados e ancorados da parte de fora escontra o mar, ¹⁵ porque, se algũas galées de mouros viessem, que lhe não ¹⁶ pudessem fazer nojo e lhes fosse embargada a parte do ¹⁷ rio; e assi ficou o lugar todo cercado ao derredor. Quando ¹⁸ os mouros vírom que o porto do mar assi era tomado e ¹⁹ que el-rei assi os afincava tanto de cada parte, posto ²⁰ que bem se defendessem, entendêrom que depois lhes ²¹ não havia de prestar nada; e, andando n'avença, falou el-²² rei um dia com o alcaide Aloandre e com o almoxa ²³ rife Alcabararão, que érom os maiores do lugar, como já ²⁴ vos dissemos, e foi el-rei com eles falando, até que se ²⁵ acolhêrom dentro no alcácer, e levando os que quis, ²⁶ que

seríom até dez cavaleiros; e o castelo foi livre dos ²⁷ mouros e buscado todo pelos cavaleiros d'el-rei, e ²⁸ nom ficou com eles gente nenhũa, salvos estes dous ²⁹ mouros, que dito havemos. E isto não fez el-rei saber ao ³⁰ mestre, nem aos outros que tínhom os combates; e, não sa ³¹ bendo deste parte, foi el-rei achado menos, e houvera de ³² ser grande mal, por el-rei não faltar do que tinha ³³ prometido, fôrom novas ao mestre e aos outros fidalgos ³⁴ do arraial, que cuidárom que os mouros do castelo tínhom ³⁵ feito algum dano a el-rei e que o matárom ou o pren ³⁶ dêrom. E por esto alevantárom um arruído tam grande, que, ³⁷ por força e a mal de seu grado dos mouros, não lhes pres ³⁸ tando setas nem pedras, os cristãos passárom a cave ³⁹ e a barreira e ajuntárom-se com o muro; e a gente do mes ⁴⁰ tre carretava lenha à porta da vila pera lhes poerem o ⁴¹ fogo, e por esta rezão padece-riom muitos dos cristãos; ⁴² e quando el-rei viu aquele arruído maravilhou-se muito ⁴³ do que podia ser, e, como soube o que era, saltou em cima ⁴⁴ de ãa torre e mostrou as chaves na mão, que já tinha, ⁴⁵ do castelo e mandou dizer ao mestre e aos outros que ⁴⁶ estivessem quedos e se afastassem a fora e que já era em ⁴⁷ avença com os mouros e que não tirássemos de fóra; o ⁴⁸ mouro Alcabrarão saiu fora do castelo, e então mandou ⁴⁹ el-rei deitar pregom pelo arraial que ninguém fizesse ⁵⁰ nojo a mouro, ainda que andassem fora ante eles, nem en ⁵¹ trassem pelas portas da vila, ainda que abertas as acha ⁵² ssem, salvo o mestre e os outros capitães que entra ⁵³ ssem dentro com aqueles que quijessem e estivessem so ⁵⁴ bre as portas do combate, que cada um tinha. E a avença ⁵⁵ que el-rei fez com os mouros foi por esta guisa: que el ⁵⁶ es lhe fizessem aquele mesmo foro que em tôdolas cou ⁵⁷ sas fazíom ao seu rei e que eles houvessem tôdaldas suas ⁵⁸ casas, vinhas e herdades pela guisa; e que el-rei os de ⁵⁹ fendesse e amparasse assi dos mouros como doutras quaes ⁶⁰ quer gentes, que lhes nojo fizessem; e os que quisessem ⁶¹ ir para alguns lugares de mouros que se fossem livre ⁶² mente com tôdolas cousas, e que os cavaleiros mouros ⁶³ ficassem por seus vassalos e que andassem com el-rei ⁶⁴ quando lhe comprisse e ele que lhes fizesse bem e mer ⁶⁵ cês; por esta guisa houve el-rei a vila de Fárom no mês ⁶⁶ de Janeiro da era de MCCLXXXVIII ⁶⁷ anos.

[420 A] ¹ Como o mestre Dom Paio Cor ² rea ganhou Loulé e Aljazur.

³ Depois que el-rei tomou a vila de Fárom, logo daí ⁴ a poucos dias partiu o mestre com sua companha e ⁵ foi-se lançar sobre Loulé; e não esteve o cerco muito ⁶ sobre ele que logo o não tomassem; e porque ao mes ⁷ tre corria algãas gentes nas pelejas e combates das ⁸ vilas, disse-lhe um dia el-rei, falando com ele: «Mes ¹ [420 B] tre, muito me pesa pelos cavaleiros que vos morrêrom ² na conquista destes lugares, porque érom todos mui es ³ tremados homens». «Senhor — disse o mestre — nom tomeis nojo ⁴ per os mortos, porque morrêrom no serviço de Deus e ⁵ salvação de suas almas.» E logo o mestre partiu de Loulé ⁶ e foi-se lançar sobre Aljazur; e quando os mouros soubérom ⁷ que Fárão e Loulé e os outros lugares eram tomados, e de ⁸ ram-se logo ao mestre, com a condição que se deu Fárão. ⁹ E o mestre, por o cansaço que havia recebido, ele e ¹⁰ suas gentes, nos outros lugares, aprouve-lhe com esto e ¹¹ de se tomar logo Aljazur, como vos dito havemos. E Deus ¹² lhe deu todos estes vencimentos, porque sabia quão de ¹³ vontade o mestre era no Seu santo serviço.